



**ENVOLVENDO-SE
COM O
SOBRENATURAL**

*Experimentando a realidade sobrenatural
da presença e do poder de Deus*

N O V O : F U N D A M E N T O S

ENVOLVENDO-SE COM O SOBRENATURAL

*Experimentando a realidade sobrenatural
da presença e do poder de Deus*

por Sam Metcalf

© 2015 Samuel F. Metcalf / Novo



novo.org

Este maravilhoso livreto é a melhor coisa que encontrei para restaurar um ministério supernaturalequilibrado e baseado na Bíblia para o corpo de Cristo. Deus está se movendo em sinais e maravilhas em todo o mundo de formas sem precedentes, mas a igreja ocidental ainda está atolada em uma cosmovisão naturalista e antissobrenatural. Envolvendo-se com o Sobrenatural é para uma época como essa. Insisto às igrejas e aos seguidores de Jesus que o leiam, discutam-no entre si, e comecem a praticar as coisas que ele descreve.

J.P. Moreland

Professor Emérito de Filosofia na Escola de Teologia Talbot,
Universidade de Biola

Uma reforma do século XXI exigirá a reinserção do sobrenatural no coração do Cristianismo. Isso resultará não apenas em uma teologia bíblica mais sã, mas também em uma igreja missional mais poderosa.

Hwa Yung

Bispo da Igreja Metodista da Malásia

Envolvendo-se com o Sobrenatural

Experimentando a realidade da presença e do poder de Deus

Patty e eu recebemos um e-mail de um jovem casal profissional — um doutor e sua esposa — que estava incomodado, agitado. Eles diziam ter um número cada vez maior de amigos da sua idade que estavam se distanciando de Deus e desviando-se de sua fé. Esse casal queria saber se eu e minha esposa estávamos vendo a mesma tendência entre os nossos amigos e se a experiência deles era incomum.

Infelizmente, há uma sólida pesquisa que aponta para essa tendência no movimento cristão na América do Norte, e há muita conjectura sobre as razões por trás disso.¹ Independente do motivos, *todas* as estatísticas apontam para esse declínio e, especialmente, para como esse declínio se reflete no compromisso com a igreja tradicional e institucional. Em alguns casos, a taxa de deserção é acentuada.

Embora haja uma variedade de fatores, creio que há um que contribui significativamente para essa tendência. A expressão da fé cristã,

¹ Veja *The Great Evangelical Recession* de John H. Dickerson para uma análise estatística do declínio da cristandade na América do Norte.

que é normativa no que é considerado ortodoxia histórica na América do Norte, e no Ocidente em geral, é primariamente um compromisso intelectual e cognitivo. O cristianismo é acadêmico e é o que alguns pesquisadores chamam agora de “Deísmo Moralista Terapêutico”. Acreditar na coisa certa e se comportar da forma correta é o que realmente importa. Embora importante, isso por si só é inadequado, porque há pouca ou nenhuma realidade sobrenatural. O que está faltando é experimentar a presença e o poder de Deus.

Estou convencido de que essa anemia espiritual é um dos maiores colaboradores para o fenômeno que nossos amigos descreveram em seu e-mail. Se Deus é real, onde ele está? Apenas acreditar nas coisas certas não é mais suficiente. Vivemos em um tempo e em um meio cultural no qual as pessoas estão ansiando e gritando pela invasão do sobrenatural em suas vidas e em seu espaço, se é que, de fato, o sobrenatural existe. Postulações doutrinárias, apologética, e dogmatismo teológico só vão até um certo ponto na satisfação dos desejos mais profundos da alma humana de encontrar Deus. O antídoto mais poderoso para a falência da cosmovisão secular é quando o céu invade o mundo natural e o Reino de Deus se torna evidente de forma sobrenatural.

Na série *Fundamentos da Novo*, há um outro livreto chamado *Palavra, Obra, Poder: As Três Dimensões do Evangelho*, no qual descrevo um paradigma que adotamos em nossas equipes ao redor do mundo. Esse livreto que você está lendo agora, *Envolvendo-se com o Sobrenatural*, é uma elaboração e uma expansão em uma dessas dimensões, a saber, a dimensão do poder.

Quando Deus lançou a CRM em 1980, agora chamada Novo², a maior parte da liderança veio de origens que tinham uma forte ênfase na “palavra”. Éramos, e ainda somos, muito centrados na Bíblia. Essa é uma herança da qual somos profundamente gratos e uma fundação sobre a qual construímos consistentemente. Ela nos ajuda a pensar, agir, e ava-

2 Chamada CRM em sua concepção, a organização mudou o seu nome para Novo em 2018, que significa “fazer novo” em latim. Veja novo.org para mais detalhes.

liar todas as coisas bíblicamente da melhor forma possível. Cremos que a verdade é importante e que a verdade está, em última instância, fundamentada na revelação bíblica. Quando a InnerCHANGE, a ordem da Novo entre os pobres, se tornou parte da Novo na década seguinte, todo um novo mundo se abriu para nós no que diz respeito ao Evangelho em “obra”. Esse acontecimento foi marcante em nos dar perspectiva — e um compromisso — sobre um tema forte e recorrente em toda a Escritura a respeito do coração de Deus com os pobres e os marginalizados.

Então, nas primeiras duas décadas do século XXI, Deus começou graciosamente a aprimorar o nosso entendimento da terceira dimensão — o componente de poder do Evangelho — e o que ela envolve. Em nossa órbita e em nossos relacionamentos fluiu uma série de pessoas que começaram a contribuir para esse foco específico. Quando vemos isso a partir de uma perspectiva mais ampla, parece ser um extraordinário mosaico de pessoas e experiências se unindo de forma única para nos ajudar e nos levar mais profundamente para aquilo que Deus deseja.

Esse livreto dá uma visão bem ampla da nossa jornada, entendendo a realidade sobrenatural e como desejamos vê-la tornar-se o normal e não excepcional. Livros inteiros poderiam ser escritos — e muitos foram escritos — que elaboram nestas ênfases e questões distintas. Não é a minha intenção entrar em muitos detalhes aqui e defender tudo o que essa área envolve. Isso é um resumo. Foi projetado para fornecer algumas definições compartilhadas e uma linguagem comum. Não é uma apologética abrangente, mas um panorama da nossa jornada com o Espírito Santo em um entendimento renovado da sua pessoa e presença.

A Novo faz nosso planejamento estratégico em ciclos de quatro anos, e esses ciclos coincidem com as nossas Conferências Globais, nas quais toda a nossa equipe e pessoas servindo conosco se juntam por uma semana de adoração, treinamento e inspiração. Em 2014, esse planejamento coincidiu com uma reunião como essa no México. Quando passamos por esse exercício de planejamento, uma das iniciativas es-

tratégicas acordadas era “normalizar o ministério no sobrenatural”. A declaração de 2014 diz:

Normalizar o ministério no sobrenatural significa ver o poder manifesto do Espírito Santo e autoridade espiritual integrada em tudo o que fazemos.

Queremos ser agentes crescentes da realidade sobrenatural entre todos aqueles a quem ministramos e trazer ativamente para a igreja uma prática equilibrada no que diz respeito ao sobrenatural.

Isso significa pegar tudo o que Deus tem feito conosco desde a virada do século em relação à realidade sobrenatural, entendê-la em mais detalhes e ver essa ênfase permear o que fazemos para que então seja normal e esperada, tanto na natureza quanto na frequência desses moveres sobrenaturais. Toda a nossa liderança concordou com esse compromisso, e continuamos a acompanhá-lo na prática.

Acreditamos que Deus nos criou com um apetite para o sobrenatural. Não somos seres físicos que, ocasionalmente, têm uma experiência sobrenatural temporária: somos seres sobrenaturais tendo uma experiência física temporária. Se isso é verdade, faz uma profunda diferença na forma em que vivemos.

Então, o que é “Sobrenatural”?

O uso comum do termo “sobrenatural” significa: *uma manifestação ou evento atribuído a alguma força além do entendimento científico ou das leis da natureza.*

Vivemos em um universo com quatro dimensões, comumente referido como o reino “natural”, no qual as leis da natureza e da ciência são conhecidas e observáveis. Porém, o sobrenatural envolve outras dimen-

sões além dessas quatro. Cada vez mais, a ciência valida a realidade de múltiplas dimensões para além das quatro em nosso universo.³

Para aqueles de nós para os quais a cosmovisão bíblica é normativa, entramos nessa discussão com o pressuposto de que o sobrenatural existe e que o quadro geral — nossa realidade natural e tudo o que a Bíblia descreve que está para além dela e que interage com ela — é, na verdade, realidade bíblica.⁴ A Bíblia é toda sobre esse quadro cósmico mais amplo, o qual inclui o natural e o sobrenatural, e como eles se encontram e se sobrepõe.⁵

Essa é uma suposição significativa, especialmente à luz do contexto cultural mais amplo no mundo ocidental. Para aqueles de nós que somos ocidentais, a nossa cosmovisão predominante é muito naturalista; ainda somos filhos e filhas do Iluminismo, o que significa que qualquer coisa além do naturalismo, cientificismo, e racionalismo (o que é normativo em nosso universo com quatro dimensões) é, geralmente, relegado ao domínio do mito ou da superstição, ou de algo que ainda não é explicável para a ciência.⁶ Mas se somos pessoas verdadeiramente bíblicas, a nossa cosmovisão precisa ser maior do que a cultura predominante ao nosso redor. Brad Jersak escreve:

A mente moderna conclui que o reino físico por si só é o “mundo real” em contraste com as visões e sonhos que “não são reais”. Esse tipo de cosmovisão materialista infecta grande parte da igreja. Ela aceita que Deus existe, mas ele deve ser silencioso e distante. Isso é

3 Uma excelente exposição e discussão da realidade sobrenatural e da multidimensionalidade de Deus é o livro *Beyond the Cosmos* (Além do Cosmos), do astrofísico Hugh Ross (RT Press, 2017).

4 Veja também o livro *Christianity with Power: Your Worldview and Your Experience of the Supernatural* de Charles H. Kraft, no qual isso é discutido em profundidade. Também o volume subsequente de Kraft: *Confronting Powerless Christianity* (Confrontando o Cristianismo sem Poder),

5 Veja o artigo do antropólogo Paul G. Hiebert: *The Flaw of the Excluded Middle* (<http://www.hiebertglobalcenter.org/blog/wp-content/uploads/2013/09/29.-1999.-The-Flaw-of-the-Excluded-Middle.pdf>).

6 Veja o livro de J.P. Moreland *Scientism and Secularism* (Cientismo e Secularismo), 2018.

comumente referido como “deísmo prático”. Ele acredita em anjos e demônios, mas ignora sua atividade hoje em dia. Assente educadamente ao reino espiritual, mas o julga como subreal. Ezequiel discordaria (Ezequiel 43:1-5).⁷

O antropólogo cultural Charles Kraft faz a mesma observação:

De fato, diferentemente da maioria dos povos do mundo, nós [ocidentais] dividimos o mundo entre o que chamamos de “natural” e o que chamamos de “sobrenatural”. E, então, desconsideramos em grande parte o sobrenatural. Nosso foco está diretamente no mundo natural, com pouca ou nenhuma atenção prestada ao mundo sobrenatural.⁸

A Tensão

Sempre houve graus de tensão dentro do movimento cristão quando esses dois mundos — o natural e o sobrenatural — se encontram, especialmente no que diz respeito à frequência e à natureza da sobreposição. Grande parte dessa tensão e discordância também está enraizada na visão que cada um tem da Escritura e da natureza da revelação bíblica.

De um lado, estão aqueles que diminuem o papel do sobrenatural e que, no extremo, são deístas funcionais. É claro, a Bíblia é verdadeira e autoritativa, mas, quando se trata de qualquer coisa fora do mundo natural, essas pessoas recuam. É desconcertante. É algo fora de sua experiência. Às vezes, paradigmas teológicos sofisticados são construídos para dispensar algo além do natural e para relegá-lo para outra dispensação ou para um tempo único na história da redenção. O inva-

7 Brad Jersak, *Can You Hear Me? Tuning into the God Who Speaks* (Você Consegue me Ouvir? Sintonizando com o Deus que Fala), pg. 133.

8 Charles Kraft, *Christianity With Power* (Cristianismo com Poder), pg. 27.

dir de Deus e de seu Reino no mundo natural é, portanto, uma aberração e está além do comum.

Como estudante universitário, estudei na faculdade fundada por Thomas Jefferson. No lar de Jefferson, Monticello, há uma cópia da famosa Bíblia de Jefferson. Jefferson, sendo um deísta, tinha dificuldades com qualquer coisa que cheirasse a milagroso. Então, ele pegou uma lâmina de barbear e passou sistematicamente pelo texto, cortando qualquer coisa que ele acreditasse ser estranha e não racional, de acordo com a sua definição de racionalidade. Ele também queria apenas chegar ao que ele considerava ser o impulso central da Bíblia. Qualquer coisa milagrosa ou que se referia à realidade sobrenatural foi removida. A Bíblia de Jefferson tem página após página com seções cortadas e parágrafos faltando.

Da mesma forma, no mundo cristão, muitos de nós professamos crer na Bíblia e defendemos a sua autoridade, mas no nosso próprio sistema de crenças e em como vivemos, não somos muito diferentes do que Jefferson com aquela Bíblia cheia de recortes. Convenientemente fazemos vista grossa, ignoramos ou dispensamos aquelas seções da Escritura que descrevem a realidade sobrenatural no aqui e no agora. Geralmente, é porque essa realidade fica de fora da nossa experiência ou porque se Deus, de fato, invadiu nossa experiência — da mesma forma que ele faz em toda a Escritura — nós ficaríamos apavorados e não saberíamos o que fazer. Pelo menos Jefferson era um deísta honesto.

Do outro lado estão aqueles para quem a distinção entre o mundo natural e o sobrenatural é embaçada, e tem dificuldade de determinar qual é qual. Aqueles que vivem nesse extremo podem exibir uma superespiritualidade que carece de integridade intelectual básica e, às vezes, exibe uma perspectiva etérea que é de pouco valor terreno. Eles podem se encaixar na categoria de *“pessoas que têm a mente tão celestial que são de pouco valor terreno”*.⁹

⁹ Veja Oliver Wendell Holmes.

Muitos foram sujeitos a abusos quando a experiência subjetiva se tornou desenfreada e descontrolada. As pessoas fizeram coisas horríveis com o preâmbulo de “*Deus me falou...*” ou “*Deus me falou pra te dizer que...*” e na cultura popular, é fácil a experiência religiosa ser descartada completamente por ser percebida como maluquice e por causa do mau uso da verdade subjetiva. Deveríamos nos envergonhar com o que é, às vezes, feito “em nome de Jesus”. É compreensível o porquê de Jefferson reagir ao sobrenatural quando algumas das expressões em seu tempo e no nosso são simplesmente formas de maluquice emocional.

Então, como navegamos entre os dois extremos? É possível acreditar que tanto o nosso universo com suas quatro dimensões — o mundo natural — e o que está além na realidade multidimensional — o mundo sobrenatural — não apenas existem, mas se cruzam e interagem? É possível, especialmente se entendermos e vivermos uma teologia sólida e bíblica do Reino de Deus.

O Reino de Deus

George Eldon Ladd era um teólogo bíblico excepcional que viveu durante a metade final do século XX. Em seu mais marcante trabalho *Teologia do Novo Testamento*, ele articulou brilhantemente uma teologia detalhada do Reino de Deus.¹⁰

Dito de forma simples, *o Reino de Deus na Bíblia é o reinado e o governo de Deus sobre tudo, o que inclui tanto o reino natural quanto o sobrenatural*. O próprio Jesus veio proclamando o “evangelho do Reino” e demonstrou em cada aspecto de sua vida e ministério o invadir desse Reino, especialmente na forma em que ele se relaciona com o universo no qual vivemos. A mensagem primária de Jesus era que o Reino tinha chegado, ele era o rei do Reino, e o seu governo tinha invadido nova e autoritativamente a história humana. É uma mensagem que é reafirmada

¹⁰ George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, Eerdmans, 1974).

por todo o Novo Testamento como Hebreus 6:5 descreve aqueles que “*experimentaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século vindouro*”.

Ao mesmo tempo há uma dimensão clara para o Reino que será realizada mais perfeitamente no futuro. Há, portanto, um ambos/e para o Reino de Deus. É aqui e agora, e ainda não realizado. O Reino é, tanto nesse século quanto no vindouro, inaugurado, mas não consumado. *Ambos* fatos sobre o Reino — que ele é presente e que ele é futuro — são claros e articulados repetidamente em todo o Novo Testamento. Não podemos negar nenhum dos dois.¹¹

Há implicações profundas sobre isso em como vemos a realidade sobrenatural.

Primeiro, a visão de Thomas Jefferson da realidade sobrenatural estava completamente incorreta. O Reino de Deus invadiu o reino natural, mais vividamente na pessoa de Jesus e através da realidade presente do Espírito Santo. Essa invasão é muito mais do que muitos de nós (especialmente com cosmovisões ocidentais) acreditamos ou sonhamos que ela poderia ser. É imensa.

Em segundo lugar, porém, a presença do Reino não é total. Embora significativa, não é completa e não estará até que o pecado e Satanás sejam banidos e o reinado de Jesus seja estabelecido em sua plenitude. Ainda vivemos em um universo caído, no qual lutamos com o mundo, a carne e o diabo, os quais ainda serão colocados completamente debaixo dos pés de Jesus, o Rei do Reino. É por isso que Jesus ora “*que venha o teu Reino, que seja feita a tua vontade*”.

Portanto, tanto *a presença atual do Reino e o Reino ainda por vir são verdadeiros*. Não podemos ignorar nenhum dos dois se queremos ser fiéis à Bíblia. Se vivemos apenas em um ou em outro, corremos o risco de viver em um dos dois extremos descritos anteriormente — o deísmo prático de Jefferson ou a maluquice de outro mundo.

11 George Eldon Ladd, *The Presence of the Future: The Eschatology of Biblical Realism* (George Eldon Ladd, 1974).

Um exemplo prático é a questão da cura física. Jesus curou. Era algo que estava a frente e no centro de seu ministério terreno, e não há nenhum indício de que ele tenha falhado em curar uma pessoa sequer. Acontecia o tempo todo e completamente.

Se queremos ser obedientes aos seus mandamentos, João 14:12 ¹² significa que iremos, em seu nome, fazer o mesmo. E o escopo será ainda maior de acordo com a passagem. Realmente não há como contornar esse entendimento do texto se queremos manter qualquer senso de integridade bíblica.

Isso significa que a cura está disponível. *Jesus deseja curar*. Ele quer vir contra a morte e as doenças, que são todas resultado da queda. Isso significa que a cura — tanto emocional quanto física — deveria, provavelmente, acontecer muito mais frequentemente do que qualquer um de nós, capturados pelo naturalismo ocidental, fomos levados a acreditar. A cura é um sinal da presença do Reino de Deus e uma demonstração do amor de Deus. Ele anseia manifestar o seu poder curador, e nos deu autoridade incrível para realizar essas curas em seu nome — uma autoridade que a maioria de nós, como seguidores de Jesus, falhamos em acessar.¹³

A oração de Jesus era clara e ele continua: “*assim na terra como no céu*”. Se Jesus nos pede para orar pela invasão do Reino — assim na terra como no céu — deveríamos esperar que ela acontecesse e saber que temos um papel a desempenhar. No céu, não há enfermidade ou doença, não há coração partido, não há mal, não há medo, não há morte. Como Deus irá realizar as coisas pelas quais ele nos pede para orar? Através de nós.

12 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, esse também fará as obras que eu faço; e fará obras ainda maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.” (NVI)

13 O livro *I Give You Authority*, de Charles Kraft, é um excelente panorama desse conceito. Veja também Marcos 16:17-18

Veja como eu aplico isso de forma prática. Quando encontro uma situação em que alguém está necessitando de cura — seja ela física ou emocional —, as primeiras coisas que pergunto são:

- *O que Deus está fazendo aqui?*
- *Eu deveria ter uma parte nisso?*
- *Qual papel eu devo desempenhar?*

Isso requer uma postura de ouvinte e de saber como ouvir de Deus.

Depois pergunto: *se o Reino ainda não invadiu essa situação, por quê? O que há do mundo, da carne ou do maligno que está impedindo de acontecer o que Jesus quer fazer?* Se acreditamos que Jesus quer curar e não está acontecendo, então muito provavelmente há uma razão.

E essa razão poderia ser o contexto ao nosso redor. Poderia ser minha inabilidade ou falta de habilidade em saber como orar e como exercitar a autoridade que Deus delegou para nós. Ou poderia ser por causa do pecado, descrença ou obediência incompleta da minha parte ou da pessoa por quem se está orando. Podem haver vários problemas de falta de perdão que devem ser abordados antes que o poder curador de Deus possa fluir livremente. Podem haver problemas geracionais que são impedimentos, e, é claro, pode haver influência ou interferência demoníaca. Muitos problemas poderiam entrar no caminho do irromper do Reino.¹⁴ E em última instância, poderia haver a questão do tempo de Deus e se seus propósitos são melhor realizados nessa vida ou reservados para a vida vindoura. No caso de Paulo, a escolha soberana de Deus para o bem de Paulo (2 Coríntios 12) prevaleceu sobre o alívio do que era um “mensageiro de Satanás”.

Então, talvez a cura não venha. Todos nós tivemos essa experiência, às vezes acompanhada por um intenso desapontamento, perguntando-nos “*onde Deus está?*” e “*por que ele não responde?*”. É, realmente, uma questão do Reino ainda não estar inteiramente presente. Logo, não

¹⁴ Veja a obra de Francis MacNutt. *Healing* (first revised edition, 1999).

vemos curas ou outros sinais do Reino manifestados 100% das vezes, porque o reinado do Rei não está 100% realizado. O mundo, a carne e o diabo o bagunçam.

Mas isso não significa que não continuo trabalhando e orando para aumentar a porcentagem de invasão do Reino aqui. Essa é uma outra forma de ver o que é a santificação. A santificação é aumentar as probabilidades de que o invadir do Reino ocorra com mais frequência e eficiência em minha própria vida e através de mim para outros.

Apenas captar esse entendimento básico, porém crucial, sobre o Reino e a extensão para a qual o sobrenatural se sobrepõe e invade o mundo natural muda tudo. Me dá uma estrutura para entender o que é e o que não é, por que Deus é, às vezes, poderosamente presente e, em outros momentos, estranhamente silencioso. Minha visão do Reino de Deus afeta diretamente o meu entendimento e a prática da realidade sobrenatural.

Imitando o Ministério de Jesus

Às vezes, os seguidores de Jesus foram ensinados que os milagres dele provaram que ele era Deus, porque ele os fez da postura de sua natureza divina. Porém, parece que uma visão mais acertada e bíblica é que o ministério público de Jesus foi feito na medida em que ele, um homem perfeito, fez o que ele viu seu pai fazer, e o vivenciou em dependência do Espírito Santo.

Entre outras coisas, isso implica que nós somos chamados para imitar o ministério de Jesus. Aqueles de nós que são seus seguidores, são convidados a exercitar o poder milagroso do Espírito em serviço do Reino. Graham Twelftree (autor de *Jesus the Miracle Worker*) reconheceu que, no começo de sua pesquisa sobre a credibilidade e a centralidade dos milagres da vida e da missão de Jesus, ele estava cético sobre o que encontraria. Porém, para sua surpresa, Twelftree descobriu que não apenas as histórias milagrosas eram críveis, mas

que elas desempenhavam um papel muito mais central em demonstrar a presença do Reino de Deus no ministério de Jesus do que ele tinha imaginado inicialmente. Twelftree, então, clama por uma revolução em nosso entendimento de como isso nos afeta nos dias de hoje:

Parece-me que nada menos do que uma revolução terá de acontecer em nosso entendimento do que constitui um cristianismo que se propõe a estar em trajetória com o que é fiel ao que é revelado sobre Jesus nos evangelhos.

O que quero dizer é: esse entendimento de que o Cristianismo, pelo menos nas igrejas ocidentais tradicionais, é apenas proposições e palavras com as quais devemos concordar e então propagar, deverá, certamente, ter que ser substituído por um cristianismo que envolve e — eu vou até o ponto de dizer que — é dominado pelo entendimento de que o poder numinoso de Deus não nasce somente em Jesus, mas também deve ser esperado e experimentado pelos seus seguidores através da realização de milagres, certamente muito mais frequentemente do que tem sido relatado atualmente.

Simplificando, o ministério cristão que é fiel à perspectiva de Jesus e aos evangelhos será uma atividade de “mostrar e falar” que envolve não [apenas] as novas de que Deus está nos reconciliando com ele naquilo que Jesus disse e fez no evento da Páscoa, mas que essa reconciliação é Deus sendo poderosamente presente para perdoar, curar, vencer o demoníaco e livrar do perigo para que, então, ele possa ter um relacionamento íntimo e profundo com o seu povo.¹⁵

A Presença Real versus A Presença Manifesta

Outra distinção teológica útil é a diferença entre a presença real e a presença manifesta do Espírito Santo.

¹⁵ Entrevista com Graham Twelftree, Academic Alert: IVP Book Bulletin for Professors, Vol. 8 No. 2, 1999, p. 1, 2, & 4.

Qualquer um que segue a Jesus e que foi nascido de novo do Espírito tem a *presença real* do Espírito dentro de si. Romanos 8 e outras passagens são claras a respeito disso.

Ele é a nossa herança e aquele que vive em nós. Efésios 1:14 descreve o Espírito como um depósito — um pagamento adiantado — da nossa eventual herança completa.

Por outro lado, isso é diferente da presença manifesta do Espírito. Essa presença manifesta é quando o Espírito Santo e as hostes celestiais se movem de tal forma que a presença e o poder de Deus são reconhecidos no mundo natural e em dimensões que os nossos sentidos são capazes de compreender. É quando a presença real é revelada em nossa experiência e quando o invisível sobrepõe o visível.

Ainda que profundamente apreciativo da presença real do Espírito, não posso parar aí. Seria como estar no meio do Deserto do Saara ao meio-dia e ter uma água fria em minha posse. É minha! Eu sei o que é. É acessível, mas não é utilizável. Não é apropriada. A presença manifesta ocorre quando a garrafa é aberta, eu bebo, e a sua presença permeia o meu espaço de formas existenciais.

1 Coríntios 12:7 descreve o exercício dos dons espirituais como uma manifestação do Espírito. Tal manifestação pode acontecer também em qualquer das dimensões do Evangelho, seja palavra, obra, ou poder. E a presença manifesta também pode ocorrer na santificação da vida que é empoderada pelo Espírito — fazendo escolhas morais corretas, amando aos nossos inimigos, estendendo o perdão, ou seja, uma hoste de ações que são difíceis, senão impossíveis, de fazer consistentemente através do poder da nossa natureza humana.

Outra forma de expressar esses entendimentos é o paradigma que J. Robert Clinton propõe. Ele descreve duas avenidas, ou caminhos, para experimentar o poder Deus, aos quais ele chama de “portões de po-

der”.¹⁶ O primeiro portão de poder é o que ele chama de “Poder da vida”, que se refere à graça capacitadora de Deus. Isso “empodera um líder para caminhar acima da autoridade controladora do pecado e para demonstrar cada vez mais o fruto do Espírito. Viver nessa graça é o que é, tipicamente, chamado ‘viver no Espírito’, ou ‘ser guiado pelo Espírito’”.

O segundo portão é “O portão dos dons”, o qual “geralmente envolve precisar e buscar mais do poder de Deus no ministério através dos dons espirituais de cada um. Quase sempre o marco de virada para adotar esse paradigma vem com alguma experiência incomum de validação”.

Os portões de poder de Clinton são muito similares à presença real e manifesta do Espírito Santo, sendo apenas modos diferentes de chegar à mesma verdade teológica.

16 J. Robert Clinton, *Experiencing God's Power in Life and Ministry* (Experimentando o Poder de Deus na Vida e no Ministério), originalmente publicado pela Barnabas Publishers, Altadena, Califórnia, 2009. Revisões feitas por Steve Hoke, CRM, Março 2014.

Autoridade Espiritual

Também aprendemos muito de Clinton sobre o conceito de autoridade espiritual, que “líderes eficientes valorizam autoridade espiritual como uma base primária de poder”. Clinton nos ajudou a ver que existe um conjunto de posturas a partir das quais a liderança pode ser exercida, mas que é ideal liderar a partir de uma posição de autoridade espiritual genuína.

Por exemplo, posso liderar quando a minha autoridade é baseada na minha função, o que significa que lidero por causa da minha posição. Ou a minha autoridade pode ser derivada da minha competência, o que significa que posso fazer coisas boas ou melhores do que aqueles que devem ser os seguidores. Outros podem liderar com base na autoridade relacional, a qual pode ser um vínculo poderoso entre líderes e seguidores. Mas a melhor postura a partir da qual liderar, como defende Clinton, é a partir de uma postura de autoridade espiritual genuína.

Em seu nível mais básico, a autoridade espiritual é a habilidade de ouvir de Deus e liderar à luz disso. Tal autoridade assume que Deus fala e que nós podemos ouvir. Significa que Jesus não estava falando apenas metaforicamente em João 10, quando ele diz que as *ovelhas seguem o pastor*, porque “*elas conhecem a sua voz*”. Significa que a presença manifesta existe, e não apenas a presença real do Espírito Santo. Significa que podemos ouvir de Deus, que o sobrenatural pode sobrepor e invadir o natural, e que a comunicação é clara e aplicável em nossas circunstâncias atuais.

O Papel da Bíblia em Ouvir de Deus

Venho de uma tradição que defende fortemente a autoridade da Bíblia, comumente chamada de uma “visão elevada” da Escritura. Infelizmente, essa visão do Escrito Sagrado pode ser, às vezes, exclusiva demais quando se trata de como as pessoas escutam de Deus. De fato,

ela pode adicionar distinções sobre quais palavras de Deus não estão na Escritura. Deixe-me explicar.

Todos cremos em tudo que a Bíblia diz sobre si mesma a respeito de sua autoridade e inspiração. Ao mesmo tempo, percebemos que a revelação, ou seja, a autorrevelação de Deus, é muito mais ampla do que a sua Palavra escrita. Por exemplo, há uma revelação geral, a saber, que o trabalho das mãos de Deus está evidente na criação. E, através da Escritura, Deus se comunica mais especificamente com a humanidade de uma série de modos: um pilar de fogo e uma nuvem, visitas an-gelicais, uma voz mansa e delicada, palavras proféticas, um redemoinho, e sonhos e visões.

Independentemente dos meios que são usados, cremos que Deus é consistente e não se contradiz. Isso significa que a Escritura detém uma posição única como revelação especial. É, como descrevem alguns teólogos, a “corda” que mantém coesa toda a experiência reveladora e através da qual tudo é medido. É o parâmetro através do qual todas as outras formas da autorrevelação de Deus devem ser avaliadas. Podemos ter certeza de que Deus não se revelará de uma forma que seria contraditória à Palavra escrita. Ao mesmo tempo, precisamos admitir humildemente que Deus não está limitado à Escritura. Ele pode escolher, como sempre fez, usar quaisquer caminhos e meios que ele desejar para se comunicar com seres humanos.

Se esse for o nosso entendimento da Bíblia, então existem vários princípios críticos de interpretação bíblica que se aplicam no que diz respeito ao sobrenatural.

Primeiro, toda a experiência de fenômenos sobrenaturais, se verdadeira, nunca irá contradizer a revelação bíblica. Se o fenômeno é genuíno e de Deus, ele sempre será consistente com a Bíblia.

Em segundo lugar, e igualmente importante, é o fato de que não deveríamos proibir o que Deus não proíbe. Esse é um princípio hermenêutico que foi exercido fielmente em toda a história do movimento

cristão, e os resultados podem ser trágicos quando ele é abandonado. Violar esse princípio é o que os Fariseus fizeram quando eles foram mais longe do que Deus em suas proibições. Eles estabeleceram limites que Deus e as Escrituras nunca estabeleceram, e existem muitos equivalentes contemporâneos. Se Deus não diz “não”, por que nós deveríamos dizer?

Em terceiro lugar, sempre haverá experiências de revelação e sobrenaturais que a Bíblia nunca irá abordar e para as quais a Escritura nunca se refere.

Tomadas juntas, isso significa que existem três categorias que precisamos entender se queremos avaliar adequadamente a realidade sobrenatural e a legitimidade do invadir do Reino para além das fronteiras do mundo natural. O que precisamos entender é:

- a) Bíblico;
- b) Contrabíblico;
- c) Extrabíblico.

Geralmente, entendemos e apreciamos os dois primeiros. Embora certamente haja desentendimentos em alguns detalhes, está claro onde a Bíblia é normativa.

Porém, muito frequentemente a categoria que nos faz tropeçar é a terceira, o extrabíblico. Ela engloba todas aquelas coisas ao nosso redor que a Bíblia não aborda especificamente. A Bíblia não vai me dizer especificamente qual trabalho escolher ou com que pessoa casar, nem me direcionará em uma série de decisões diárias que tomo como seguidor de Jesus. É aí que o nosso segundo princípio interpretativo entra em ação: precisamos ter o cuidado de não proibir o que Deus não proibiu expressamente.

Bill Randall descreve bem essa distinção:

Com frequência fiquei me perguntando o que um “milagre comum” seria. Provavelmente incluiria coisas como cura divina, livramento, e ressuscitar os mortos. O fato de que Lucas testifica que Deus estava fazendo milagres extraordinários através do apóstolo Paulo significa que não havia precedentes para aquelas manifestações. Deus estava escolhendo fazer algo novo. Pode até mesmo ser chamado apropriadamente de uma manifestação “extrabíblica”. Ninguém teria sido capaz de responder a questão perguntada com tanta frequência hoje em dia, “então, onde é que está isso na Bíblia?”.

É imperativo para nós apreciar a diferença essencial entre o extrabíblico e o contrabíblico. Creio que devemos permanecer cautelosamente abertos à possibilidade de uma manifestação extrabíblica de Deus, e ainda permanecer resolutamente opostos a tudo que seja contrabíblico. Esse é um motivo importante pelo qual o dom do discernimento é crucial para uma comunidade de discípulos que vivem em verdade e poder. Quando o apóstolo Paulo escreveu para os Tessalonicenses a respeito de uma ocasião em que Deus provavelmente disse ou fez algo extraordinário, nós também não devemos automaticamente rejeitar ou aceitar tais coisas. Na verdade, “devemos pôr à prova todas coisas e reter o que é bom. Evitar toda sorte de mal.” (1 Tessalonicenses 5:21-22).

Como Deus se Comunica

Com esses axiomas como pressuposições, um dos primeiros passos para ajudar pessoas a irem em direção a um paradigma bíblico saudável em relação ao sobrenatural é ajudá-los a aprender como ouvir de Deus. Isso significa entender e aprender como ele fala e como devemos ouvir.

Repito, cresci naquela ala do movimento cristão que tinha uma forte orientação à Palavra. Críamos que Deus definitivamente havia falado, mas *apenas* na Bíblia. Era a Escritura e só.

Porém, às vezes, nos aventurávamos um pouco mais além e dizíamos que ele poderia se comunicar através de outros ou através de circunstâncias (o conceito de porta aberta/porta fechada), e se nós tivéssemos ousadia, poderíamos nos referir “à voz calma e gentil” ou a alguma forma de intuição.

Então, tem sido uma área de crescimento e de expansão pra mim me direcionar mais confiantemente para o entendimento do que significa ouvir a Deus em meios que são definitivamente informados pela Bíblia, mas que talvez vão mais além e são mais explícitos do que a Escritura. Alguns livros e autores que têm sido especialmente úteis a esse respeito:

- *Can You Hear Me? Tuning into the God Who Speaks (Você Consegue Me Ouvindo? Sintonizando com o Deus que Fala)*, de Brad Jersak;
- *The Joy of Listening to God (A Alegria de Ouvir a Deus)*, de Joyce Huggett;
- *Surprised by the Voice of God (Surpreendido pela Voz de Deus)*, de Jack Deere;
- *Hearing God (Ouvindo a Deus)*, de Dallas Willard.

Isso significa que ouvir a voz de Deus para além das páginas da Escritura pode incluir:

1. Ouvir do Espírito Santo diretamente em formas que são apropriadas e únicas para cada um de nós como indivíduos e únicas para necessidades e/ou circunstâncias específicas. Poderiam ser impressões, palavras, pinturas, etc;

2. Sonhos e visões;
3. Através do exercício dos dons espirituais, ou seja, palavras proféticas, palavras de conhecimento e/ou outras manifestações evidentes. Similar ao #1, essas podem ser maiores em intensidade dependendo do dom da pessoa.

Ninguém menos que Martinho Lutero se refere a esses meios de comunicação de Deus quando ele escreveu em 1535 em *Uma Singela Forma de Orar*:

Se tal abundância de bons pensamentos chega até nós (enquanto oramos), devemos desconsiderar as outras petições, abrir espaço para tais pensamentos, ouvir em silêncio e, sob nenhuma circunstância, obstruí-los. O próprio Espírito Santo prega aqui, e uma palavra de seu sermão é muito melhor do que mil orações nossas. Muitas vezes aprendi de uma oração mais do que talvez eu pudesse ter aprendido de muito ler e especular... se no meio desses pensamentos o Espírito Santo começar a pregar em seu coração com pensamentos ricos, esclarecedores, honre-o deixando de lado esse esquema escrito; fique quieto e escute-o.

Formação Espiritual e Disciplinas Espirituais

Falando teologicamente, o discipulado bíblico incorpora tanto a justificação quanto a santificação. Discipulado é um processo que começa na vida de uma pessoa quando ela é atraída a seguir obedientemente a Jesus e continua conforme ela cresce nesse relacionamento e na imagem de Cristo. Portanto, um discípulo é “feito” quando aquela decisão de seguir a Jesus de todo o coração é tomada e o discípulo continua a ser “formado” a medida que ele ou ela se torna mais semelhante a Cristo.

Para o processo de formação espiritual — tanto no início quanto na continuação do processo — ser real e eficiente, ele deve ser ungido

do alto pela realidade sobrenatural. O Espírito de Deus é o que atrai e o que forma. Se isso é verdade, a mudança e o crescimento verdadeiro acontecem quando o Espírito entra no reino natural e efetiva mudanças não apenas em nossos espíritos, mas também em nossas almas e em nossas experiências no reino físico. Formação espiritual, para ser eficiente, não acontece à parte do invadir do Reino, seja no processo de conversão ou de crescimento como seguidor de Jesus. A Bíblia é clara que ambos são processos sobrenaturais e empreendimentos contínuos.

Disciplinas espirituais são, portanto, ferramentas — eles são meios ou práticas através das quais apropriamos o invadir do Reino. Através delas, posso me colocar em uma postura na qual posso ouvir de Deus e apropriar a sua presença e poder em circunstâncias no mundo natural, no qual eu funciono.

Também sabemos que a formação espiritual ocorre mais eficientemente no relacionamento, não apenas com o Deus triuno, mas com aqueles outros homens e mulheres a quem ele chamou e redimiu. Portanto, a realidade sobrenatural que experimento não é apenas pessoal, mas pode ser muito mais. Ela acontece em comunidade. É na “vida em comunhão”, como descreve Dietrich Bonhoeffer, que encontramos e ouvimos a Deus Pai, o Filho, e o Espírito mais profundamente.¹⁷ Ou como Henri Nouwen descreve,

[Comunidade] é o reconhecimento gracioso do chamado de Deus para compartilhar a vida juntos e a jubilosa oferta de um espaço hospitaleiro no qual o poder recriador do Espírito de Deus pode se tornar manifesto.

¹⁷ Veja *Vida em Comunhão* de Dietrich Bonhoeffer

Oração que Engaja: um Componente Essencial dos Movimentos

A oração sempre foi considerada uma das disciplinas “interiores” essenciais. Mas existe ainda um outro tipo de oração ao qual frequentemente se ignora, em que ele serve um foco externo na batalha espiritual e, mais especificamente, como um componente de movimentos do Evangelho.

Sabemos que, sempre que vemos essas dinâmicas de movimento ocorrendo, de alguma forma, misturados ali, estão a oração e a intercessão contínuas e eficientes. Mas esse tipo de oração ativadora tem dimensões maravilhosas em si que muitos de nós não estamos acostumados a experimentar. Esse tipo de oração sabe como tomar territórios. É agressiva. Ela sabe como se mover contra os “portões do inferno” no reino sobrenatural. Inclui ferramentas e processos, como a caminhada de oração e o mapeamento espiritual. Ela entende o terreno e as autoridades que podem amarrar redes sociais, espaços geográficos, e povos.

Alguns seguidores de Jesus são habilidosos e chamados a esse tão específico e fundamental ministério. Um bom recurso para expandir o nosso entendimento são obras como *Taking Our Cities for God* (Tomando as Nossas Cidades para Deus), por John Dawson, e vários outros recursos listados aqui.¹⁸

Um lugar que defende e pratica esse tipo de oração ativadora excepcionalmente bem é Ffald y Brenin, um centro de retiros no Sul do País de Gales,¹⁹ o qual é genuinamente um “espaço estreito” — ou seja, um ambiente onde a demarcação entre os mundos natural e sobrena-

18 Veja também *God is Still Speaking: Sparking a Strategic Prayer Revival Through the Church* de Brian Mills, *Releasing Heaven on Earth: God's Principles for Restoring the Land* de Alistair P. Petrie e *Prayer Walking: Praying on Site with Insight* por Steve Hawthorne and Graham Kendrick.

19 Veja <http://www.ffald-y-brenin.org/> Veja também *The Grace Outpouring* por Roy Godwin, um relato inspirador do que Deus está fazendo em Ffald y Brenin.

tural é muito permeável. O tipo de oração e de bênção exercitadas ali também começou a ter uma influência de longo alcance através das suas *Casas Locais de Oração (LHOP)*.²⁰ Uma casa local de oração é um grupo simples, mas incrivelmente eficiente, de pessoas apropriando-se da presença, da bênção e do poder de Deus para um espaço ou local em particular. Quando integrado e praticado dentro de um paradigma de movimento mais amplo, é um processo excelente para gerar oração ativadora. É um privilégio para a Novo fazer parceria com a Ffald y Brenin e LHOP nessa busca ao redor do mundo.

O Exercício dos Dons Espirituais

Quando se trata da realidade do sobrenatural, uma das questões potencialmente polêmicas é o exercício dos dons espirituais.

Existem três listas que falam a respeito de dons espirituais no Novo Testamento: 1 Coríntios 12, Romanos 12, e Efésios 4. Alguns argumentam que elas não são exclusivas, ou seja, existem outros dons além do que está listado. Outros debatem se os dons são investidos ou não, isto é, se eles são dados permanentemente ou se apenas em um momento, para o que Deus quiser fazer, em um tempo ou contexto específico. Outros ainda defendem que alguns desses dons não são para essa era presente, por causa de um paradigma teológico mais amplo que os dispensa, ou seja, ser um Thomas Jefferson funcional. Então, deveríamos aterrissar em meio a tamanha diversidade e, às vezes, controvérsia? Qual deveria ser a nossa postura?²¹

²⁰ Veja <https://www.localhousesofprayer.org/>

²¹ Veja Wayne Grudem (editor), *Are Miraculous Gifts for Today?*, 1996.

Primeiro, creio que a maioria das posturas íntegras que podemos ter é afirmar que *quaisquer que sejam os dons que existam na Escritura, eles são tão válidos hoje quanto eles eram quando descritos pelos escritores originais.*²²

Realmente, não há maneira de dispensar exegeticamente a totalidade dos dons espirituais no Novo Testamento. Fazer isso estica os textos, e é necessário fazer algumas ginásticas hermenêuticas interessantes para isso. Riscar certos dons é faltar com integridade hermenêutica.²³ Nem podemos ignorar o vasto testemunho da história até os dias de hoje. E no movimento cristão global dos dias de hoje, aquela ala teológica da igreja — comumente chamada “cessacionismo” — que defende tais posições é uma visão cada vez mais minoritária e marginalizada.

Então, como isso funciona na prática para uma entidade missionária apostólica como a Novo? Isso significa que uma pessoa com convicções teológicas cessacionistas não é bem-vinda? De jeito nenhum. Uma pessoa que serve em nossa equipe é, certamente, livre para defender essa visão, mas ela deve compreender que, em toda a Novo, o espaço que damos é mais amplo. Um indivíduo pode não abraçar essa amplitude, mas ele precisa estar disposto a dar a outros a liberdade para operar na totalidade dos dons espirituais. Nosso diagrama de “quatro posições” que explicamos em *First Things* — a nossa orientação para novos membros — fornece um paradigma útil:

22 Veja o livro *The Beginner's Guide to Spiritual Gifts* (Dons Espirituais: O Guia para Iniciantes) de Sam Storms, 2002.

23 Veja o livro *Surprised by the Power of the Spirit* (Surpreendido pelo Poder do Espírito) de Jack Deree (Grand Rapids, MI, Zondervan Publishing, 1993).

Eu não faço	Eu não faço	Eu faço	Eu faço
Você não pode fazer	Você pode fazer	Você escolhe não fazer	Você deve fazer

Em nossa vida juntos como seguidores de Jesus, iremos viver e ministrar entre duas seções intermediárias dessa estrutura quando se trata do exercício dos dons espirituais. Aqueles que estão na extrema esquerda ou na extrema direita provavelmente ficarão desconfortáveis — e deixarão outros desconfortáveis — enquanto ministramos juntos. Então, a minha admoestação não-tão-sutil-assim a eles é: por favor, vão para outro contexto ministerial e tornem a vida deles miserável, mas, por favor, não sejam dogmáticos entre nós.

Na verdade, essa tabela é um modelo que pode ser aplicado para qualquer problema em nossa experiência espiritual que possa ser “não essencial”. É uma aplicação prática de como aplicar Romanos 14:1-15:7. Embora possa haver algum debate sobre o que é essencial e o que é não essencial, se vivermos por um compromisso mútuo pelas duas caixas do meio, é incrível a quantidade de conflitos desnecessários que podem ser evitados.

Unção Sobrenatural em Dons Espirituais

J. Robert Clinton oferece um tratado compreensivo no que diz respeito aos dons espirituais e aos conjuntos de dons em vários volumes:

- *Unlocking Your Giftedness – What Leaders Need to Know to Develop Themselves and Others* (Desbloqueando seus Dons – O que Líderes Precisam Saber para Desenvolver a Si Mesmos e a Outros);
- *Spiritual Gifts – A Self Study or Group Study Manual*, do inglês (Dons Espirituais – Um Manual para Estudos Individuais ou em Grupos).

Clinton desenvolve um conceito muito útil chamado “conjuntos de dons”. Ele identifica três que nos dão visões interpretativas úteis.

- Dons de Palavra;
- Dons de Amor;
- Dons de Poder.

É importante perceber que a unção de Deus pode estar, e de fato está, sobre qualquer um dos dons espirituais, em qualquer um dos conjuntos. Independentemente do conjunto, o dom pode e deve ser objeto da unção divina. O invadir do Reino pode acontecer quando alguém está ensinando. Ou quando alguém está servindo. Ou quando alguém está liderando. A realidade sobrenatural não está limitada aos dons de “poder”.

Seria lamentável relacionar o sobrenatural apenas com a dimensão de “poder” do Evangelho, não diferentemente do que seria dizer que apenas alguns dons refletem o invadir do Reino. Isso simplesmente não é verdade.

Por exemplo, o próprio Jesus se refere ao trabalho feito em seu nome entre os pobres (o Evangelho em obra) como sinais do Reino e na mesma classe da cura e da ressurreição dos mortos. A unção espiritual e o fluxo sobrenatural fluem através de todas as dimensões. Porém, é na dimensão do “poder” que o sobrenatural assume as manifestações específicas que são manifestas e não comumente experimentadas por

aqueles de nós no mundo ocidental: cura, confronto com o demoníaco, presença de anjos, etc. N.T. Wright, comentando sobre o milagroso em *Jesus and the Victory of God* (Jesus e a Vitória de Deus), escreve:

[O milagroso é] “...alguma coisa que aconteceu, dentro do que chamaríamos do ‘mundo natural’, a qual não é o que teria sido antecipado, e a qual parece fornecer evidência para a presença ativa de uma autoridade, um poder, trabalhando, e não invadindo, a ordem criada como uma força alienígena, mas, na verdade, permitindo que ela seja mais verdadeiramente ela mesma.

Eu estava em uma conferência da Novo na Grécia há muitos anos, e Ronnie Stevens estava falando. Ronnie é um dos meus favoritos — ele é um dos melhores da minha geração em ensinar e pregar a Bíblia expositivamente. Por causa de seus muitos anos de experiência no Leste Europeu e na Rússia, ele se comunica com uma gravidade e autoridade espiritual incomuns.

Depois que ele falou em uma manhã, eu estava conversando com um dos membros que estava assistindo e que podia ver o sobrenatural — um dos usos do dom de discernir espíritos —, e perguntei àquela pessoa o que eles viram. Interessante. Ele me disse que quando o Ronnie começou a falar, havia um grande demônio parado na frente dele na reunião e teve a audácia de tentar obstruir o que Ronnie estava comunicando da Bíblia para o público. Dois anjos que estavam ao lado de Ronnie se moveram agressivamente em direção ao demônio e o eliminaram, isto é, desintegraram o demônio. A partir daí, enquanto Ronnie falava, o que a pessoa da nossa equipe via era fogo emanando em direção ao público. Suas palavras estavam inflamadas com a unção do céu. Essa é uma demonstração do dom de ensinar sendo abençoado do alto. Isso é ministério no sobrenatural.

Sinais e Maravilhas

Quando há uma invasão da realidade sobrenatural no mundo natural, às vezes as manifestações físicas que acompanham podem ser referidas como “sinais e maravilhas”. A frase vem de passagens como Atos 5:12, na qual os seguidores de Jesus realizaram muitos “sinais e maravilhas entre o povo”. Dependendo do que contarmos, existem, pelo menos, 65 vezes nas quais fenômenos sobrenaturais ocorrem no livro de Atos.

John Stott descreve bem:

*Pedro enfatizou o testemunho de Deus sobre Jesus (Atos 2:22) juntando as três palavras do Novo Testamento para milagres que Deus realizou publicamente através dele, a saber: milagres, maravilhas e sinais. A primeira palavra, milagres (dunameis), indica a sua natureza: elas eram demonstrações do poder de Deus (dunamis). A segunda palavra, maravilhas (terata), indica as suas consequências: eles causaram espanto naqueles que as testemunharam. A terceira palavra, sinais (semaia), indica o seu propósito: eles tinham a intenção de ter significado, de significar as reivindicações do Messias...).*²⁴

No ministério do Apóstolo Paulo, há apenas uma instância na qual as suas proclamações verbais não foram acompanhadas por nenhuma outra forma de manifestação sobrenatural, e foi em Atenas no Areópago. Em todas as outras vezes, a Escritura registra “*pelo poder dos sinais e maravilhas, através do poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e arredores até o Ilírico, proclamei plenamente o Evangelho de Cristo*”.

Um livro equilibrado e um tratado teológico compreensivo sobre isso é o livro *Surprised by The Power of the Spirit* (Surpreendido pelo poder do Espírito), de Jack Deere. É especialmente notável, porque Deere era um professor ilustre no Seminário Teológico Dallas quando o seu pa-

²⁴ John Stott, *Through the Bible* (Grand Rapids, MI, Baker Books, 2006), pg 299.

radigma mudou radicalmente e o seu entendimento da realidade sobrenatural se expandiu. Deere fornece uma apologética excelente para o terceiro componente em nossas “dimensões do Evangelho”.

O Demoníaco e o Angélico

Embora aqueles de nós comprometidos com o cristianismo ortodoxo no mundo ocidental falemos da boca pra fora sobre acreditar na Bíblia quando se trata da presença de anjos e demônios, isso não é o que é comum em nossa prática ou experiência. Como Hwa Yung, o Bispo da Igreja Metodista da Malásia escreve:

A maioria das teologias sistemáticas e pastorais ocidentais atuais falham em abordar o demoníaco, tanto em nível pessoal quanto cósmico. Muitos acadêmicos negam ou ignoram o assunto como um todo, explicando diversas passagens bíblicas relacionadas evasivamente: as referências de Paulo aos “principados e potestades” são reduzidas a estruturas sociológicas; o pecado e o mal são discutidos sem referências ao demoníaco.

Os cristãos ocidentais frequentemente falham em encaixar os “sinais e maravilhas” do Espírito Santo em sua estrutura teológica. Até recentemente, eles tratavam o pentecostalismo clássico como uma forma de religião aberrante, juntamente com várias outras versões de cristianismo indígena não-ocidentais que também levam os ensinamentos do Novo Testamento sobre dons espirituais e milagres a sério. Mas hoje, com o Pentecostalismo e o movimento carismático ganhando cada vez mais aceitação no Ocidente, e a maior parte da dinâmica das igrejas não-ocidentais levando milagres a sério, parece cada vez mais que a verdadeira aberração é a “linha principal” do Cristianismo Ocidental.²⁵

25 Artigo na revista *Christianity Today*, setembro de 2010, pg. 32.

Há pessoas em toda a Novo em várias partes do mundo que têm dons que as permitem ver o mundo sobrenatural. Isso significa que elas conseguem ver o demoníaco ou o angelical, e, para algumas, não é nada diferente do que ver algo no mundo natural. No Velho Testamento, essas pessoas eram chamadas de videntes. No Novo Testamento, esse dom provavelmente se encaixa dentro do leque de expressões do dom de discernimento de espíritos, ainda que existam outros aspectos do discernimento de espíritos que não possuem essas habilidades únicas.

Diversos livros que são úteis para entender esse fenômeno são:

- *The School of the Seers: A Practical Guide on How to See in the Unseen Realm* (A Escola de Videntes: Um Guia Prático de Como Ver no Mundo Invisível), por Jonathan Welton e Randy Clark;
- *The Veil* (O Véu), por Blake Healy;
- *Este Mundo Tenebroso*, de Frank Peretti.

No mundo ocidental, a realidade do angélico e do demoníaco é, com frequência, considerada um pouco fora da caixa para a maior parte de nós como seguidores de Jesus. Apesar do fato de que existem mais de 300 referências à atividade angelical em toda a Escritura, o fato de que os agentes do céu estariam ativos no aqui e no agora empurra a maioria de nós em direções das quais podemos estar inseguros e nas quais temos pouca ou nenhuma experiência. Embora tenhamos lido Frank Peretti e ficado intrigados e fascinados por esses conceitos que são claramente bíblicos, eles raramente fazem parte da nossa realidade.

Pessoas que exercem esse conjunto de dons — que podem “ver” — podem, portanto, atrair muita atenção, já que eles experimentam outras dimensões além do nosso universo natural. A fascinação não é realmente sobre eles. É mais um comentário sobre o resto de nós que está tão condicionado a crer que essas coisas não acontecem. Ficamos de queixo caído e maravilhados quando percebemos que há uma rea-

lidade sobrenatural ao nosso redor e que algumas pessoas podem, de fato, vê-la. É como se eles tivessem colocado óculos diferentes.

Penso que existem duas razões pelas quais Deus, de fato, confia esse dom ou habilidades a pessoas seletas. Primeiro, como todos os dons espirituais, o propósito deles é edificar e encorajar seguidores de Jesus. Mas, em segundo lugar, existem implicações muito práticas de ministério, porque essas habilidades são dadas para a guerra. Se, de fato, estamos em guerra espiritual genuína, esses dons são como serviço de inteligência. Eles nos dão a habilidade de ver o que está acontecendo e de como tomar providências sábias e apropriadas em resposta.

Eu estava no aeroporto de Istambul enquanto viajava com alguém que tinha esses dons. De pé no salão principal estava conosco outro estadista idoso e enrugado, do Reino Unido, que tinha liderado movimentos de oração britânicos durante a maior parte dos últimos cinquenta anos. Ele virou para o meu amigo e disse: *“O que você vê aqui?”*. Ele respondeu com uma descrição do demoníaco — muito grande, imponente, etc. — para a qual o britânico assentiu de acordo: *“eu não o vejo, mas é preciso e consistente com o que conhecemos de portais internacionais como esse”*. E então ele olhou meu amigo diretamente nos olhos e disse: *“nunca relute em exercer o seu dom. Você vê o que é real. O resto de nós vê através de um vidro escuro”*.

Eu comecei, inclusive, a manter um registro de todos os encontros assim — algum dia, talvez, eu coloque todos eles em um livro. Embora eu não possa “ver” pessoalmente — e Deus e eu tivemos numerosas conversas sobre isso —, muitas coisas aconteceram como resultado de minha exposição em primeira mão àqueles que podem ver:

1. Mudou a forma como oro. Cheguei à conclusão de que a oração não é apenas perfunctória. Quando oro, essas pessoas veem coisas acontecerem. As coisas mudam. Eu não vejo. Elas veem.
2. Mudou a minha visão do sobrenatural e me deu mais confiança de que, mesmo que vivamos em um mundo com quatro dimen-

sões, existe mais realidade do que apenas essas dimensões. Existem tantas coisas acontecendo ao meu redor, das quais eu não estou nem mesmo ciente, e Deus espera que eu as influencie e as mude através do mistério da oração.

3. Mudou radicalmente minha visão do céu. É real. De outra dimensão. Não é etéreo.
4. Muito do que lemos nos romances fascinantes de Frank Peretti podem ser, de fato, reais. Suspeito que Peretti fosse um daqueles que “vê”, e que os seus livros sejam baseados em sua realidade.
5. Isso empoderou o meu entendimento do papel manifesto e ativo do Espírito Santo e como ele age, junto com as hostes angelicais, para realizar os propósitos de Deus.
6. Como seguidores de Jesus, estamos em luta. É uma batalha pela qual fomos chamados a participar, e é mais do que intelectual. Se permaneço ignorante dessa realidade, pagarei o preço, e outros podem se machucar também.
7. Nada disso, em minha experiência, foi sensacionalizado. Embora definitivamente fora da minha caixa experiencial, tem sido quase clínico em seu tom. Não é carismania.

Eu estava andando nas ruas de Londres com uma integrante da nossa equipe que tem esse dom de visão. Em um ponto, ela se inclinou para mim e disse sem rodeios: *“Acho que você deveria saber: seus anjos estão entediados”*.

Bem, isso é um pouco constrangedor. Os agentes do céu designados para o meu cuidado, proteção, e ministério estão subutilizados. Então, pedi mais detalhes a ela.

“Eles estão só esperando,” ela disse, *“você se envolver com Deus... orar... pedir ao Espírito de Deus para que se mova nas pessoas e circunstâncias em que*

esses anjos foram mobilizados para realizar tarefas celestiais". Nem preciso dizer que isso foi motivacional e impactante para mim. A oração não era perfunctória. Aquela visão confirmou que a realidade muda quando nos envolvemos com Deus, porque ele anseia agir em nosso nome e em nome de outros.

Cura Interior e Libertação

Em 2011, a Novo (então CRM) convidou Charles Kraft para um seminário de quatro dias no sul da Califórnia, e cerca de cem colaboradores da Novo participaram de todo o território dos Estados Unidos e internacionalmente.²⁶ Chuck passou os dois primeiros dias falando sobre cura interior/libertação e os últimos dois dias sobre estratégia de batalha espiritual (que ele também chama de "cósmica").

Foi uma semana importante, porque lidamos com o paradigma de cura e um entendimento renovado e bíblico da realidade sobrenatural. Foi empolgante incorporar essas habilidades na caixa de ferramentas do nosso ministério. Diversas pessoas servindo conosco ao redor do mundo aprenderam desse treinamento e começaram a usar essas ferramentas e processos com grande eficiência. Os quatro livros primários de Kraft que foram úteis são:

- *I Give You Authority* (Eu lhes Dou Autoridade);
- *Defeating Dark Angels* (Derrotando Anjos das Trevas);
- *Two Hours to Freedom* (Duas Horas para a Liberdade);
- *The Evangelicals' Guide to Spiritual Warfare* (O Guia dos Evangélicos para a Batalha Espiritual).

²⁶ Charles Kraft foi por muitos anos o professor sênior de antropologia no Seminário Teológico Fuller e um antropólogo cultural eminente. O seu escrito sobre antropologia, *Christianity and Culture* (Cristianismo e Cultura), continua sendo um texto de referência na área. Mas, durante as últimas décadas de sua carreira, ele tem se concentrado cada vez mais em cura interior e libertação, e os seus numerosos livros sobre esses assuntos são alguns dos recursos mais importantes sobre eles.

Embora usar esses processos para cura interior e libertação não sejam um componente do meu próprio ministério pessoal — em outras palavras, não sou um especialista nisso —, saber como fazer isso tem sido imensamente útil. Estive em muitos lugares ao redor do mundo nos quais fui capaz de usar essas habilidades e ver resultados extraordinários. Cada vez, é quase um livro didático (como descrito em *Two Hours to Freedom*), não sensacionalista, e poderosamente eficiente nas vidas das pessoas pelas quais oramos.

Além disso, Kraft fornece ajuda prática para lidar com problemas persistentes que quase todas as igrejas no Ocidente raramente falam sobre, porque estão muito distantes do nosso paradigma de realidade. É raro equiparmos abertamente pessoas para lidar com votos, maldições, dedicações, traumas, ou pecados geracionais que foram passados em famílias. Nem treinamos seguidores de Jesus para eficientemente receber e estender o perdão e a bênção, principalmente bênção no espírito oposto à forma como fomos maltratados ou abusados.

Além de Kraft, Deus graciosamente trouxe para a órbita da Novo durante a última década um maravilhoso conjunto de pessoas habilitadas e chamadas para o ministério de cura interior. Embora Kraft seja um modelo eficiente, há uma variedade de outras abordagens.

Sensacionalismo

O que tem sido gratificante em nossa jornada em entender o sobrenatural é que ela tem sido quase universalmente não sensacionalista. Sem teatralidade. Sem brincadeiras bobas. Apenas profunda e existencialmente real. Em nossa experiência, a revelação de Deus de si mesmo parece raramente precisar de sensacionalismo para validação. Como escreve Dallas Willard:

*Mas a Palavra de Deus vem com um peso sereno de autoridade. Mas, porque a sua voz carrega a autoridade dentro de si mesma, ela não precisa ser alta ou histérica.*²⁷

Por exemplo, Chuck Kraft observa que ele nunca precisa levantar a voz quando está confrontando demônios. Eles podem ouvir muito bem sem o drama. Tampouco experimentou — em milhares de orações de cura um a um e consultas de libertação — violência e algumas das artimanhas físicas que são tão comumente associadas com o exorcismo na cultura popular. Esse tipo de drama raramente acontece, porque Kraft toma a autoridade apropriada concedida a ele pela pessoa por quem ele está orando e a autoridade delegada de Jesus e, simplesmente, não o permite.

Ao mesmo tempo, temos que ser honestos e admitir que podem haver momentos em que nós vemos algumas coisas dramáticas se materializarem quando confrontamos o demoníaco. Vemos isso quando Jesus mesmo lidava com os demônios. Com frequência, essas artimanhas são um esforço de último minuto para distrair e causar medo quando o domínio de um demônio está sendo ameaçado.

Porém, é espantoso o grau em que a cultura popular no mundo ocidental distorceu nossa compreensão e visão da realidade sobrenatural. É triste que as pessoas estejam tão desgastadas pelos estereótipos e imagens *hollywoodianas* — o exorcista, *poltergeist*, vampiros e zumbis —, que ficam inoculadas quando estão lidando com a coisa real.

Envolvendo-se com o Sobrenatural — A Vida Cristã Normal

Identifico-me com Chuck Kraft quando ele admite viver uma vida “subnormal” como seguidor de Jesus por muitos anos. Ele escreve:

²⁷ Veja Dallas Willard, *Hearing God Through the Year* (Ouvindo a Deus ao Longo do Ano), InterVarsity Press, 2004.

À medida que comecei a atuar na autoridade que Jesus nos dá, reconheci que o cristianismo que eu estava vivendo era sub-bíblico e, portanto, subnormal. Como cristãos, não se espera que vivamos no modo que a maioria de nós têm funcionado – com pouco ou nenhum reconhecimento pelo que está acontecendo no mundo espiritual invisível. Quando essa dimensão se abriu pra mim, comecei a me tornar o que um cristão mais normal e bíblico deve ser.²⁸

Então, como isso funciona na prática, de forma que podemos nos envolver com o sobrenatural e que isso seja coisa normal e esperada a se fazer? Creio que significa:

- Há mais realidade espiritual do que o universo de quatro dimensões em que funcionamos;
- Deus anseia invadir nosso mundo natural para demonstrar o seu amor, a sua graça e o seu poder redentor;
- Precisamos tomar iniciativa para convidar e esperamos a presença manifesta do Espírito Santo;
- Precisamos aprender como ouvir a Deus e como discernir a sua voz;
- Liderar com autoridade espiritual genuína irá requerer essa escuta e, então, responder em obediência;
- Deveríamos saber a Bíblia bem o bastante para usá-la efetivamente como a “corda” que pode avaliar toda a experiência releadora à luz da verdade da Escritura;
- Não deveríamos ficar surpresos ou chocados quando Deus aparece e as coisas “se movem” no mundo natural para acomodar a sua presença;

28 Veja Charles Kraft, *I Give You Authority* (Minneapolis, MN, Chosen Books, 2012) pg. 310.

- A presença manifesta do Espírito pode ocorrer através de meios ou manifestações que são “extrabíblicas”, e, se for assim, deveríamos tomar o cuidado de não descartar o que Deus não proíbe;
- O Espírito de Deus abençoa e empodera todos os dons que ele concedeu a seu povo, sejam dons de palavra, amor ou poder;
- Três coisas podem impedir a presença manifesta do Espírito: o mundo, a carne, e o diabo. O nosso papel é descobrir qual, ou qual combinação deles, está impedindo o invadir do Reino e, então, exercer a autoridade, como delegada por Jesus e no poder do Espírito, para tirar esses obstáculos do caminho;
- Devemos nos apoiar na presença manifesta e, quando em dúvida, experimentar. Por exemplo, quando as oportunidades aparecerem, devemos aproveitar para orar por cura física e esperar que Deus se mova;
- Longe de nos julgar e nos envergonhar por nossos erros, Deus acolhe nossas tentativas de obedecer a Ele e amorosamente nos corrige e aperfeiçoa como seus filhos;
- A oração não é perfunctória. As coisas se movem no reino sobrenatural quando assumimos a autoridade que Jesus nos delegou e apropriamos dessa autoridade em seu nome;
- Anjos e demônios são reais, presentes, e mais ativos do que provavelmente imaginamos. Isso não é algo a temer;
- Deveríamos esperar que o Deus triuno trabalhe, se revele, invada o nosso espaço, e aja. Queremos que tal presença e poder se tornem a norma, não a exceção.

Em uma Análise Final

Quando apresentamos ao mundo atual uma versão impotente e sem poder do cristianismo, não deveríamos ficar surpresos quando as pessoas vão embora.

John Wimber, o primeiro catalisador por trás do movimento Vineyard, tinha estado imerso na indústria secular da música — ele era o gerente comercial dos The Righteous Brothers — quando ele se tornou um seguidor comprometido de Jesus. Ele leu todo o Novo Testamento e se apaixonou por Jesus. Ele ficou boquiaberto com o que Jesus fez. Ele ficou impressionado e atraído pelas histórias do milagroso e da realidade sobrenatural. Quando ele se tornou seguidor de Jesus, ele pensou que era isso que ele iria fazer. Ele pensou que os “negócios” que ele lia no Novo Testamento seriam normais, mas ficou em choque quando visitou algumas igrejas existentes. Ele disse:

Lembro-me da frustração de visitar uma igreja nas primeiras vezes, e pensar, “Isso é ótimo. Vou me juntar. Quero fazer esses negócios”. Sabe o que achei que eles faziam na igreja? Veja como eu era estúpido: achei que pessoas se reuniam na igreja, passavam um tempo agradável juntos, depois meio que dividiam a região, e aí todo mundo saía, curava umas pessoas, expulsava uns demônios, e ganhava algumas pessoas para Cristo antes do almoço.

Quando percebi que elas não faziam isso, fiquei desapontado. Então, quando perguntei a um dos líderes: “quando vamos sair para fazer isso?”, ele me disse, “então, você não precisa fazer isso. Você só precisa crer que foi feito uma vez”.

Isso é patético.

Descobri, durante os dois próximos anos, que chorávamos, cantávamos, pregávamos e orávamos sobre isso, dávamos em prol disso, mas nunca o fazíamos. Nunca chegamos a ir fazer as coisas que Jesus fez. E comecei a ficar desiludido no processo.

Sabe, quando eu trabalhava pro diabo, ele me deixava fazer os negócios dele. Mas, quando comecei a trabalhar pra Jesus, as pessoas não queriam me deixar fazer os negócios dele. Pra falar a verdade, entrei para fazer os negócios. Em algum lugar, em alguma parte, alguém tinha que começar a acreditar nesse livro e agir com base nele. E pode muito bem sermos nós.

Wimber foi famoso por dizer:

É fazendo o “negócio” que vamos mudar o mundo. Não é sabendo que uma vez foi feito.

Que Deus continue nos dando olhos para ver, ouvidos para ouvir, e corações para responder ao que ele, o rei do Reino, quer em nossos próprios dias. *Pode, muito bem, sermos nós!*

Que o Reino invada com cada vez mais poder e fidelidade bíblica, para que ninguém que conhecemos se distancie de Jesus, aquele que anseia ser sobrenatural e esmagadoramente presente em sua realidade.



Sam Metcalf serviu como presidente da Novo-EUA (antiga CRM) de 1985 a 2022, buscando recrutar e capacitar líderes para o ministério apostólico e criar estruturas apostólicas pioneiras, como a Novo, que multiplicarão os movimentos do Evangelho em todas as nações. Hoje, ele coordena a CoNext — a parceria global de entidades semelhantes à Novo em um número cada vez maior de nações que compartilham missão, visão e crenças mútuas — todas lideradas por líderes nacionais. Ele tem um diploma de graduação pela Universidade da Virgínia, um mestrado pela Escola de Estudos Interculturais do Seminário Fuller e um doutorado pela Escola de Teologia Fuller. Sua esposa, Patty, está igualmente envolvida no ministério com um foco mais específico na oração de cura. Sam e Patty vivem no Sul da Califórnia e têm dois filhos adultos e seis netos.



A Novo é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar movimentos do Evangelho e para mobilizar a igreja para essa missão ao redor do mundo.

Mais de 600 membros de tempo integral da Novo ministram em uma variedade de culturas e contextos em mais de 100 nações. A Novo também oferece treinamentos para centenas de pastores, líderes de igrejas, e plantadores de igrejas em parceria com mais de 50 denominações em toda a América do Norte.

Chamados a serem determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito, os colaboradores da Novo são, em primeiro lugar, discípulos: profundamente empenhados em conhecer e seguir Jesus. Onde quer que sirvam, eles são os que acendem o fogo, multiplicando o seu impacto, equipando, empoderando e colaborando uns com os outros. Os missionários da Novo gostam de correr riscos, de enfrentar novos desafios, e estão dispostos a arriscar as suas vidas pela causa de Cristo. Eles compartilham o melhor que têm para multiplicar movimentos do Evangelho. E eles acreditam que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

Para mais informações, visite novo.org (antiga CRM Empowering Leaders).



NOVO

2015